

Logoterapia, sentido de vida e luto: uma revisão de escopo

Raul Bruno Tibaldi Nascimento

RESUMO

A busca por sentido na vida pode se tornar ainda mais premente entre pessoas enlutadas e estratégias de prevenção e intervenção psicológica são desejáveis para assistência ao luto. Diante disso, foi realizada uma revisão de escopo com o objetivo de reunir evidências sobre a influência do sentido de vida no enlutamento e as contribuições clínicas da Logoterapia. Os critérios de elegibilidade incluíram artigos teóricos ou empíricos publicados em periódicos revisados por pares, sem restrição de data, em português, inglês ou espanhol, e a busca foi realizada em sete diferentes bases de dados eletrônicas. A síntese qualitativa final incluiu 31 artigos, agrupados em duas categorias. Na primeira, os principais resultados foram discutidos em quatro subtemas relativos à associação entre o sentido de vida e consequências e reações ao luto, estratégias de coping e adaptação ao luto, crescimento pós-traumático e lutos parentais. Na segunda, foram sintetizadas recomendações para o trabalho logoterapêutico com enlutados. Ao final, são consideradas implicações clínicas e de pesquisa da revisão, incluindo recomendações para trabalhos futuros.

Palavras-chave: logoterapia; sentido de vida; luto; revisão de escopo.

ABSTRACT

Logotherapy, meaning in life and bereavement: a scoping review

The search for the meaning of life can become more intense for bereaved people, and prevention and psychological intervention strategies are desirable for bereavement counseling. Therefore, a scoping review was carried out to collect evidence on the influence of the meaning of life on bereavement and the clinical contributions of Logotherapy. Eligibility criteria included theoretical or empirical articles published in peer-reviewed journals, without date restrictions, in Portuguese, English or Spanish, and the search was performed in seven different electronic databases. The final qualitative synthesis included 31 articles, grouped into two categories. In the first category, the main results were discussed in four sub-themes related to the association between meaning in life and consequences and reactions to grief, coping strategies and adjustment to grief, post-traumatic growth, and parental grief. In the second one, recommendations for logotherapeutic work with the bereaved were synthesized. Finally, clinical and research implications of the review are considered, including recommendations for future works.

Keywords: logotherapy; meaning in life; bereavement; scoping review.

Sobre os autores

R. B. T. N.
orcid.org/0000-0002-4260-975X
Pesquisador autônomo
Cuiabá/MT, Brasil
psico.raultibaldi@gmail.com

Direitos Autorais

Este é um artigo de acesso aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC.



No campo das teorias e pesquisas sobre o luto, existem diferentes maneiras de compreender e descrever esse fenômeno. Na conceituação de Parkes (2009, p. 42), trata-se de um processo necessariamente permeado pela “experiência da perda e uma reação de anseio intenso pelo objeto perdido”. De acordo com Stroebe et al. (2020, p. 1843, tradução nossa), o luto é “a experiência emocional das reações psicológicas, comportamentais, sociais e físicas que uma pessoa enlutada pode ter como resultado da morte de alguém amado”. Para Franco (2021, p. 24), pode ser definido como “processo de construção de significado em decorrência do rompimento de um vínculo”.

Essa diversidade teórica influencia diretamente na prática clínica com enlutados, na medida em que as respectivas decisões relativas à prevenção e intervenção pressupõem consistência e coerência em seu embasamento empírico e epistemológico. Além disso, reflete na escolha de critérios para diferenciação e definição dos tipos de ações terapêuticas requeridas nas diferentes experiências de pessoas enlutadas (Franco, 2021).

No caso de profissionais da Psicologia especificamente, o trabalho clínico com enlutados pressupõe tanto a adoção de um modelo teórico sobre o processo do luto como também de uma abordagem psicológica com as visões antropológica e filosófica que lhe são inerentes. Uma vez independentes, é de se presumir que haja, ou não, certa convergência entre essas orientações, o que demanda uma reflexão crítica em torno desse tema.

Sob uma perspectiva fenomenológica, por exemplo, a vivência do luto implicaria em mudanças nas formas de ser-nos-mundo diante da ruptura de uma relação eu-tu. Fenomenologicamente, diz-se de uma relação que poderá ser reconfigurada e cujo sentido necessitará ser ressignificado diante da presença-ausente do morto no mundo do enlutado. Enlutar-se implica não apenas numa crise de sentido, mas também em novas possibilidades de se relacionar com o outro e com o que se perdeu com a morte deste (Freitas, 2013).

Abordagens fenomenológicas do luto desvelam, então, experiências de enlutamento marcadas por esvaziamento de sentido da existência ou perda de sentido do mundo-vida. Para uma clínica psicológica fundamentada nesse referencial, isso implica num espaço de escuta, diálogo e intervenção a um sofrimento que, não raro, requer uma retomada de sentidos, a ressignificação da relação do enlutado com o ente querido falecido e um questionamento acerca do próprio sentido da vida (Freitas, 2018).

Outrossim, espera-se que uma clínica de base fenomenológica com enlutados seja orientada pelo respeito às especificidades das diferentes vivências de enlutamento, ou seja, por uma preocupação eminentemente com o fenômeno, e não exclusivamente com um conjunto de categorias que delimitam uma entidade nosológica – neste caso, o luto. Ao invés disso, sintomas circunscritos por manuais diagnósticos podem ser considerados modos de apresentação do fenômeno do enlu-

tamento em si ou experiências de um modo global de ser dos enlutados que não necessariamente determinam um caráter de sofrimento patológico a ser revertido ou conduzido pelos clínicos, mas tutelado pelos próprios pacientes (Michel & Freitas, 2019).

Por outro lado, no que tange a descrições psicopatológicas, cumpre mencionar o assim denominado Transtorno do Luxo Complexo Persistente, incluído entre as condições apresentadas para estudos posteriores pela última edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DS-M-V). Dos critérios propostos para caracterizá-lo, destaca-se aquele que consiste na sensação, por parte dos enlutados, de que “a vida não tem sentido ou é vazia sem o falecido ou a crença de que o indivíduo não consegue funcionar sem o falecido” (American Psychiatric Association [APA], 2014, p. 790). Já conforme os critérios diagnósticos do chamado Transtorno de Luto Prolongado, que consta na 11^a edição da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-11) lançada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), figura como uma das possíveis características clínicas adicionais o “sentimento de que a vida não tem sentido” (World Health Organization, 2019, tradução nossa).

Sabe-se, já há algum tempo, que as ideias de ordem, previsibilidade e significância do mundo podem ser abaladas em pessoas que lidam com perdas, levando-as a se ocuparem fortemente com a busca por sentido. Apesar de isso não poder ser generalizado, esse desafio argumenta em favor de estratégias específicas de promoção de sentido entre enlutados, bem como de testes empíricos acerca da respectiva eficácia (Davis et al., 2000).

Com efeito, terapias centradas no sentido, de um modo geral, demonstram-se eficientes na melhoria da qualidade de vida e na redução do estresse psicológico. Do ponto de vista clínico, seus resultados corroboram recomendações de que elas constem em diretrizes técnicas de cuidado à saúde e de que sejam empregadas, especialmente, em momentos de transição e situações de crise na vida (Vos, 2016; Vos & Vitali, 2018).

Certamente, tais orientações se tornam ainda mais plausíveis dadas as evidências de associação entre sentido de vida e saúde física (Czekierda et al., 2017) e bem-estar psicológico (Aftab et al., 2019; Li et al., 2021), bem como entre a experiência de falta de sentido e problemas de saúde mental (Battyán, 2012). Isso posto, entende-se ser relevante a realização de estudos a respeito da relação entre o enlutamento e a falta ou crise de sentido.

Nesse ponto, faz-se oportuno destacar a abordagem psicológica do sentido de vida desenvolvida por Viktor Frankl, vista como pioneira no desenvolvimento dos esforços científicos dessa área (Florez et al., 2016; Sommerhalder, 2010; Steger, 2013). Essa teoria, a Logoterapia, está assentada em três pressupostos fundamentais: a liberdade de vontade, a vontade de sentido e o sentido de vida (Frankl, 2016).

Além da considerável produção empírica já acumulada em torno de suas aplicações na prática clínica (Thir & Battyán,

2016), o caráter eminentemente fenomenológico-existencial da Logoterapia (Lima Neto, 2013) permite presumir suas potenciais contribuições para as discussões ora empreendidas. Segundo Frankl (2020, p. 34), “de um modo fenomenológico, o logoterapeuta deve alargar o campo visual de seu paciente com relação a sentido e valores, fazendo com que estes se ressaltem”.

Todavia, uma busca preliminar nos bancos de dados MEDLINE, Cochrane Database of Systematic Reviews e JBI Evidence Synthesis não identificou nenhuma revisão de literatura que articulasse a temática do luto ao sentido de vida ou sob a ótica da Logoterapia. Diante de todo o exposto, o objetivo desta revisão de escopo foi examinar resultados de pesquisas que avaliaram o sentido de vida de pessoas em processos de enlutamento, bem como analisar o embasamento teórico e as contribuições clínicas de estudos logoterapêuticos sobre o luto.

MÉTODO

Trata-se de uma revisão de escopo conduzida observando recomendações do *Joanna Briggs Institute* (JBI). Esse método foi escolhido pelo intuito de se obter uma visão geral da literatura sobre o tema, identificando conceitos-chave e mapeando evidências disponíveis (Peters et al., 2020). Não houve registro de um protocolo de revisão.

Os critérios de elegibilidade incluíram artigos teóricos ou empíricos publicados em periódicos revisados por pares, sem restrição de data, em português, inglês ou espanhol. Não foram considerados teses, dissertações, capítulos de livros, resenhas ou protocolos de estudos para ensaios clínicos. Revisões de literatura foram incluídas apenas nos casos em que os respectivos objetivos convergiam com os do presente estudo.

A pesquisa foi realizada em outubro de 2021 nas bases de dados eletrônicas PsycINFO (APA), Web of Science, Scopus, MEDLINE/PubMed, LILACS, PePSIC e SciELO. A estratégia de pesquisa compreendeu três combinações de palavras-chave e operadores booleanos, quais sejam, *logotherapy AND (grief OR bereavement OR mourning)*; “*meaning in life*” AND (*grief OR bereavement OR mourning*); e “*purpose in life*” AND (*grief OR bereavement OR mourning*). Essa última combinação foi empregada com o intuito de abranger pesquisas que tivessem utilizado o instrumento *Purpose in Life Test* (PIL Test), o qual é uma das principais medidas logoterapêuticas para a percepção de sentido na vida (Nascimento & Dias, 2019).

Os resultados obtidos foram compilados e os repetidos, excluídos, com auxílio do programa de gerenciamento de referências Mendeley. A primeira triagem consistiu na leitura do título, resumo e palavras-chave dos artigos restantes. Nos casos em que restou dúvida sobre a pertinência do estudo, realizou-se uma busca rápida, no corpo dos textos, dos termos utilizados nas bases de dados por meio da ferramenta “Loca-

lizar”, procurando identificar se, e como, eles figuravam especialmente nas seções de método e discussões ou conclusões.

Em seguida, a segunda triagem abrangeu a leitura dos artigos na íntegra, a partir da qual se excluíram estudos por diferentes motivos. O mapeamento dos dados dos artigos incluídos na revisão foi realizado por meio do registro das seguintes informações: ano de publicação; periódico; tipo de estudo; objetivo(s); população (se aplicável); instrumento de avaliação de sentido de vida (se aplicável); e principais resultados.

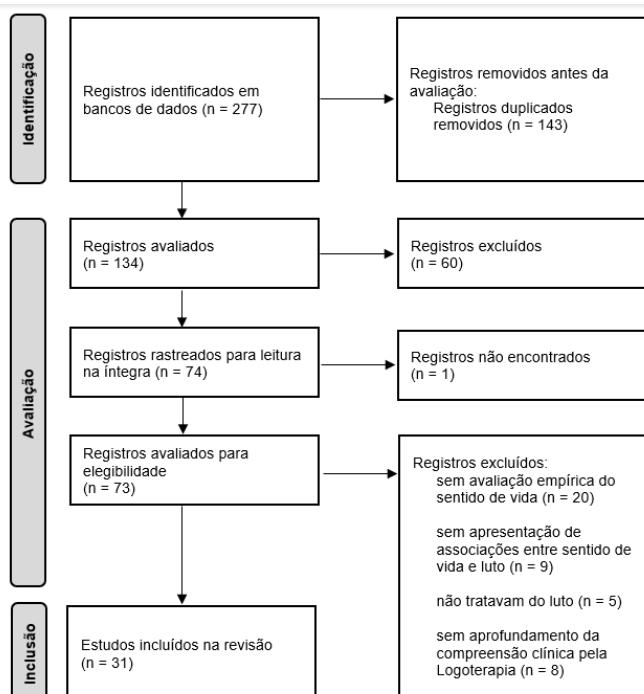


Figura 1 - Fluxograma de seleção dos estudos.

RESULTADOS

Pela busca inicial com os descritores, foram identificados 277 estudos, dos quais 143 eram repetidos. Após a leitura do título, resumo e palavras-chave, 74 foram mantidos para leitura completa, porém um arquivo não foi localizado na íntegra. Tendo em vista os objetivos da revisão, outros 42 foram excluídos da seleção final. Desse modo, a amostra final para síntese qualitativa foi composta por 31 artigos. A Figura 1 ilustra esse fluxo, conforme orientação Preferred Reporting Items for Systematic Reviews (PRISMA) (Page et al., 2021).

Os estudos incluídos foram publicados no período entre 1982 e 2021, com prevalência de publicações nos últimos vinte anos. Eles estavam concentrados, majoritariamente, em três periódicos científicos internacionais, quais sejam, *International Forum for Logotherapy* ($n = 6$; 19,3%), *Omega – Journal of Death and Dying* ($n =$

6; 19,3%) e *Death Studies* (n = 7; 22,6%), e apenas um era brasileiro.

A maior parte dos estudos era de natureza quantitativa (n = 21; 67,7%), em especial do tipo exploratório correlacional. Nessas pesquisas, os instrumentos de avaliação do sentido de vida mais utilizados foram o *Purpose in Life Test* (n = 8; 25,8%) e o *Meaning in Life Questionnaire* (n = 10; 32,2%). Quanto aos participantes das pesquisas, observou-se predominância de pais e mães que perderam algum filho (n = 9; 29%) e viúvos ou viúvas (n = 5; 16,1%).

DISCUSSÕES

SENTIDO DE VIDA E LUTO

Entre os estudos classificados nessa categoria, destacaram-se quatro subtemas: consequências e reações ao luto; estratégias de *coping* e adaptação ao luto; crescimento pós-traumático; e lutos parentais.

O primeiro subtema foi composto por estudos cujos resultados abrangeram a relação entre diferentes desdobramentos do luto e o sentido de vida. Experiências de raiva, pesar, vazio, fadiga, dificuldades de concentração, indiferença, culpa, apatia, medo da morte, sonolência, comportamento autodestrutivo e vontade de morrer podem estar associadas à falta de sentido na vida em decorrência de uma perda (Michael Spaten et al., 2011). Alguns achados revelam, especificamente, associações negativas entre sentido de vida e níveis de raiva (Pfost et al., 1989) e de insônia (Lee et al., 2020). Em contrapartida, maiores níveis de percepção de sentido de vida podem ter efeito moderador nas reações ao luto, reduzindo o impacto das respectivas consequências negativas. Uma das hipóteses é de que isso esteja relacionado ao desenvolvimento de maior capacidade de mobilização de redes de suporte social e maior satisfação com a vida (Ulmer et al., 1991). Outra possibilidade é de que a busca por sentido esteja direta ou indiretamente associada à identificação de aspectos positivos em situações estressantes, tais qual a morte de alguém que se ama (Boyraz et al., 2010), além de contribuir na determinação do tipo e severidade de consequências do luto na saúde física (Majid & Ennis, 2020). Ademais, a avaliação de percepção de sentido de vida pode servir como característica de diferenciação de casos de depressão entre enlutados (Scharer & Hibberd, 2020).

O segundo subtema envolveu pesquisas que evidenciam influências do sentido de vida como fator de ajustamento ao luto. Em grupos de indivíduos enlutados, podem ser identificados maiores níveis de sentido de vida entre os que parecem melhor adaptados ao luto (Pan & Hu, 2021). Já em comparação com grupos de pessoas que não sofreram uma perda de mesma natureza, enlutados podem pontuar significativamente menos em escalas de sentido de vida (Yasien-Esmael et al., 2020). Maiores escores de sentido de vida podem estar positivamente correlacionados com o número de envolvimento de papéis em múltiplos contextos de vida (Hershberger & Walsh,

1990), com o tamanho de redes de suporte social (Smith et al., 1992) e com a resiliência (Yasien-Esmael et al., 2018). Estratégias de *coping* focadas em emoções, por sua vez, podem estar associadas negativamente a escores de sentido de vida. Isso significa dizer que indivíduos com menor percepção de sentido parecem se utilizar mais de estratégias do tipo defensivas ou de “pensamento mágico”, por exemplo, para lidar com o estresse emocional em decorrência do luto (Stevens et al., 1987). Analogamente, a percepção de sentido de vida também parece influenciar na redução de sintomas do luto entre pessoas que veem a morte como uma parte natural da vida (Boyraz et al., 2015).

O terceiro subtema compreendeu investigações sobre o papel do sentido de vida em processos de crescimento pessoal em decorrência de experiências de perdas e traumas. Alguns resultados sugerem que o sentido de vida pode atuar como fator de proteção ao transtorno de estresse pós-traumático (Lee et al., 2021). Também parece atuar significativamente, ainda que indiretamente, nas relações entre autorreflexão e afetos positivos (Boyraz & Efstathiou, 2011), estando positivamente correlacionado com o crescimento pós-traumático especialmente entre indivíduos que creem em alguma divindade (Sawyer & Brewster, 2019).

O quarto subtema concentrou pesquisas cujos participantes eram pais e mães que haviam perdido algum filho. De modo mais amplo, no que tange ao luto parental, menores níveis de sentido de vida podem estar associados com menor tempo de enlutamento, morte por suicídio, perda de mais um filho e morte de um filho único (Wheeler, 1994). Quando comparados com grupos de pais que não experienciaram a mesma perda, pais e mães enlutados podem apresentar menores níveis de sentido de vida, o que parece não melhorar significativamente com o decorrer do tempo (Florian, 1990). Além disso, grupos de pais enlutados com baixos níveis de sentido de vida, especialmente homens, tendem a apresentar maiores níveis de sintomas depressivos e mais problemas de saúde, como os cardiovasculares (Rogers et al., 2008). A perda de um filho pode se configurar como um evento traumático e provocar crises de identidade e ruptura com o senso de sentido na vida, as quais podem ser dificultadas em se tratando da morte de crianças (Polita et al., 2020). Em casos de perdas de filhos únicos, as reações de perda de sentido podem ser ainda mais intensas e alguns pais enlutados chegam a se descrever como “zumbis”, desesperançosos e com falta de valor, por exemplo (Wang & Hu, 2021). O impacto no senso de sentido de vida também pode ser mais evidenciado entre pais com altos níveis de autoimagem interdependente, isto é, entre os que valorizam harmonia em relações sociais e que atribuem a outrem um lugar nuclear na definição do autoconceito (Kim & Hicks, 2015). Entre pais de idade avançada, a percepção de sentido de vida pode estar associada com uma adaptação à perda mais fa-

vorável ao longo do tempo, notavelmente entre aqueles cujos filhos morreram inesperadamente por acidentes ou doenças (Floyd et al., 2013).

LOGOTERAPIA E LUTO

Na medida em que crises de sentido são uma das questões que se apresentam em decorrência de perdas significativas, a Logoterapia pode ser usada no aconselhamento e terapia do luto. Nesses casos, a tarefa terapêutica se torna, então, viabilizar o acompanhamento dos enlutados em direção à realização de sentido na vida. Para isso, sugerem-se avaliação de mecanismos defensivos e estratégias de *coping*, diálogo socrático, psicoeducação, técnicas de visualização e de *role-playing*, entre outras medidas. Em suma, a ideia é que o logoterapeuta estabeleça e mantenha uma relação de base segura com o enlutado, de modo a facilitar a integração da perda, a reorganização e encontro de sentido na vida apesar da ausência (Maniacek, 1982).

O trabalho logoterapêutico com enlutados pode ser compreendido sob uma perspectiva de intervenção em situação de crise. Nesse sentido, podem ser úteis questionamentos socráticos que incentivem o paciente a falar sobre dificuldades, emoções e sentimentos da experiência do luto; a estimular o compartilhamento de memórias boas e ruins, pontos positivos e negativos do relacionamento com a pessoa perdida; e a vislumbrar possibilidades de ação e de sentido apesar da ausência da pessoa falecida, entre outros exemplos (Böschemeyer, 1989).

Por um lado, a descoberta de sentidos pelos pacientes pode, inclusive, ser considerada uma das medidas de avaliação da evolução do processo terapêutico. Por outro lado, em especial em situações de luto muito recentes, intervenções com objetivo de estimular a busca de sentido podem ser contraproducentes, vindo a ser percebidas pelos pacientes como tentativas de desconsideração de sentimentos e do impacto da perda. Entretanto, é possível que o terapeuta disponha da técnica logoterapêutica de derreflexão em casos críticos de autorrecriminação, autocomiseração, remorso, culpa ou vergonha (Haines, 2000).

Em casos de luto complicado, exercícios de exploração de áreas de liberdade e de responsabilidade podem ajudar na descoberta de novas possibilidades de sentido em meio ao sofrimento. Técnicas de *mindfulness* e do tipo narrativas, como a escrita de cartas ou construção de autobiografias, por exemplo, também podem ser úteis na ativação dos chamados recursos noéticos (Rogina & Quilitch, 2010).

A Logoterapia também pode fundamentar o trabalho com grupos de enlutados. Esse tipo de formato pode proporcionar o acolhimento e validação de sentimentos negativos, tais

como raiva e culpa, facilitando o autodistanciamento e a reorganização das próprias experiências entre os enlutados. Estabelecido um vínculo seguro, os participantes do grupo poderão mais facilmente aceitar a realidade da perda e, ao mesmo tempo, caminhar em direção à visualização e planejamento de um novo futuro e à atualização de valores apesar da perda (Berti & Berti, 1994).

O luto não deve ser necessariamente compreendido como um transtorno mental, mas sim como um processo normal de transição, crescimento e de possibilidade de descoberta de novos sentidos na vida. Contudo, o sofrimento decorrente do enlutamento pode ser abordado com foco, por exemplo, na autotranscendência e na mudança de atitudes diante da irreversibilidade da morte. Isso, inclusive, pode ser estendido a outras situações que envolvem perdas e mudanças, tais como as relativas a empregos e término de relacionamentos. Sejam quais forem as situações, a chave para o trabalho logoterapêutico com enlutados é o apelo ao pressuposto antropológico da vontade de sentido (Levinson, 1989).

De um modo geral, intervenções clínicas logoterapêuticas devem ser embasadas no apelo à consciência e às capacidades humanas existenciais, e o logoterapeuta precisa individualizar e, por vezes, improvisar conforme os diferentes casos. Ainda assim, é preciso ter em vista que, embora seja possível mediar a transformação de situações de perdas e lutos pela descoberta de sentidos, isso não significa necessariamente uma completa imunidade ao pesar e sofrimento (Corrêa, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As limitações dos estudos incluídos nesta revisão não permitem a generalização de conclusões, nem a determinação de causalidade ou direcionalidade entre os construtos analisados, mas podem ensejar a realização de pesquisas mais robustas. Ao mesmo tempo, as relações entre o sentido de vida e as diferentes variáveis ora discutidas podem fundamentar avaliações e intervenções sobre fatores de risco e de proteção em processos de luto.

Quando se trata de experiências de vazio existencial, isto é, de falta de sentido, a Logoterapia já dispõe de um arcabouço teórico sólido para orientar a prática dos psicólogos. Em que pese o reconhecimento disso, as informações reunidas por esta revisão particularizam aspectos relativos à assistência psicológica em processos de luto, de modo a facilitar práticas coerentes em termos teórico-metodológicos.

Apesar dessas contribuições, alguns fatores podem ter limitado a abrangência desta revisão de escopo. Não foram realizadas buscas de estudos publicados em outros idiomas ou em literatura cinzenta, como o Google Scholar por exemplo, nem uma avaliação do risco de viés na seleção dos estudos.

Um ponto que se destacou foi a escassa produção cien-

tífica nacional acerca do tema, o que reforça a necessidade de realizações de estudos que possam avançar o campo de conhecimento sobre o sentido de vida entre enlutados. Para isso, sugere-se aplicação de medidas validadas em contexto brasileiro pertinentes ao tema, tais como questionários de sentido de vida e escalas de avaliação do luto prolongado; o emprego de amostras de populações mais variadas, incluindo participantes que experienciam processos de lutos não reconhecidos ou menos investigados; e a mensuração do sentido de vida sob uma perspectiva multidimensional, a qual tem se consolidado recentemente na literatura.

A possibilidade da ocorrência de crises de sentido na vida como um dos desdobramentos de um processo de luto aponta para a necessidade de se conhecer tanto a extensão dos impactos como estratégias de intervenção clínica para lidar com essa questão. Destarte, espera-se que a presente revisão de escopo contribua com uma sistematização inicial de evidências e recomendações que possam guiar profissionais em contextos clínicos e de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- Aftab, A., Lee, E. E., Klaus, F., Daly, R., Wu, T.-C., Tu, X., Huege, S., & Jeste, D. V. (2019). Meaning in Life and Its Relationship With Physical, Mental, and Cognitive Functioning. *The Journal of Clinical Psychiatry*, 81(1), 19m13064. <https://doi.org/10.4088/JCP.19m13064>
- American Psychological Association. (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5* (5th ed.). Artmed.
- Batthyány, A. (2012). As avaliações empíricas na Logoterapia e Análise Existencial: uma visão geral. *Logos e Existência*, 1(1), 3–14. <https://periodicos.ufpb.br/index.php/le/article/view/14089/8065>
- Berti, G., & Berti, A. S. (1994). When an offspring dies: Logotherapy in bereavement groups. *International Forum for Logotherapy*, 17(2), 65–69.
- Böschemeyer, U. (1989). Logotherapeutic approaches to crisis situations. *International Forum for Logotherapy*, 12(1), 17–22.
- Boyraz, G., & Efsthathiou, N. (2011). Self-Focused Attention, Meaning, and Posttraumatic Growth: The Mediating Role of Positive and Negative Affect for Bereaved Women. *Journal of Loss and Trauma*, 16(1), 13–32. <https://doi.org/10.1080/15325024.2010.507658>
- Boyraz, G., Horne, S. G., & Saygert, T. V. (2010). Finding Positive Meaning After Loss: The Mediating Role of Reflection for Bereaved Individuals. *Journal of Loss and Trauma*, 15(3), 242–258. <https://doi.org/10.1080/15325020903381683>
- Boyraz, G., Horne, S. G., & Waits, J. B. (2015). Accepting Death as Part of Life: Meaning in Life as a Means for Dealing With Loss Among Bereaved Individuals. *Death Studies*, 39(1), 1–11. <https://doi.org/10.1080/07481187.2013.878767>
- Corrêa, D. A. (2012). Do luto ao sentido: aportes da logoterapia no espaço psicoterapêutico. *Psicologia: Teoria e Prática*, 14(3), 180–188. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v14n3/v14n3a15.pdf>
- Czekierda, K., Banik, A., Park, C. L., & Luszczynska, A. (2017). Meaning in life and physical health: systematic review and meta-analysis. *Health Psychology Review*, 11(4), 387–418. <https://doi.org/10.1080/17437199.2017.1327325>
- Davis, C., Wortman, C. B., Lehman, D. R., & Silver, R. C. (2000). Searching for meaning in loss: are clinical assumptions correct? *Death Studies*, 24(6), 497–540. <https://doi.org/10.1080/07481180050121471>
- Florez, I. A., Schulenberg, S. E., & Stewart, T. L. (2016). Meaning and Automatic Stereotyping: Advancing an Agenda for Research. In A. Batthyány (Ed.), *Logotherapy and Existential Analysis: Proceedings of the Viktor Frankl Institute Vienna* (pp. 107–124). Springer.
- Florian, V. (1990). Meaning and Purpose in Life of Bereaved Parents whose Son Fell during Active Military Service. *OMEGA - Journal of Death and Dying*, 20(2), 91–102. <https://doi.org/10.2190/DL22-HKCY-02XQ-3TB4>
- Floyd, F. J., Mailick Seltzer, M., Greenberg, J. S., & Song, J. (2013). Parental bereavement during mid-to-later life: Pre- to postbereavement functioning and intrapersonal resources for coping. *Psychology and Aging*, 28(2), 402–413. <https://doi.org/10.1037/a0029986>
- Franco, M. H. P. (2021). *O luto no século 21: uma compreensão abrangente do fenômeno*. Summus.
- Frankl, V. E. (2016). *Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial* (A. M. Castro (Trad.) (6th ed.). Quadrante.
- Frankl, V. E. (2020). *Psicoterapia e existencialismo: textos selecionados em logoterapia* (I. S. Pereira (Trad.)). É Realizações.
- Freitas, J. de L. (2013). Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. *Revista Da Abordagem Gestáltica*, 19(1), 97–105. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000100013&lng=pt&tlang=pt
- Freitas, J. de L. (2018). Luto, pathos e clínica: uma leitura fenomenológica. *Psicologia USP*, 29(1), 50–57. <https://doi.org/10.1590/0103-656420160151>
- Haines, P. E. (2000). Logotherapy concepts applied to grief and mourning. *The International Forum for Logotherapy*, 23(2), 74–80.
- Hershberger, P. J., & Walsh, W. B. (1990). Multiple Role Involvements and the Adjustment to Conjugal Bereavement: An Exploratory Study. *OMEGA - Journal of Death and Dying*, 21(2), 91–102. <https://doi.org/10.2190/K8D3-NTBT-KTMF-58CB>
- Kim, J., & Hicks, J. A. (2015). Parental bereavement and the loss of purpose in life as a function of interdependent self-construal. *Frontiers in Psychology*, 6. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2015.01078>

- Lee, S. H., Noh, J.-W., Kim, K.-B., Kim, E. J., Oh, J., & Chae, J.-H. (2021). Factors associated with post-traumatic stress disorder among bereaved family members and surviving students two and half years after the Sewol ferry accident in South Korea. *Psychiatry Research*, 296, 113666. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.113666>
- Lee, S. H., Seo, Y. E., Kim, K.-B., Noh, J.-W., & Kim, E. J. (2020). Long-term risks of complicated grief and insomnia in student survivors of the Sewol ferry disaster in South Korea: A four-year observational follow-up study. *Ethiopian Journal of Health Development*, 34(SI 3), 97–106. <https://www.ajol.info/index.php/ejhd/article/view/198520>
- Levinson, J. I. (1989). Existential vacuum in grieving widows. *International Forum for Logotherapy*, 12(2), 101–109.
- Li, J.-B., Dou, K., & Liang, Y. (2021). The Relationship Between Presence of Meaning, Search for Meaning, and Subjective Well-Being: A Three-Level Meta-Analysis Based on the Meaning in Life Questionnaire. *Journal of Happiness Studies*, 22(1), 467–489. <https://doi.org/10.31234/osf.io/2xjh7>
- Lima Neto, V. B. (2013). Existência e sentido: a logoterapia como uma genuína psicoterapia fenomenológica-existencial. *Logos e Existência*, 2(1), 2–15. <https://periodicos.ufpb.br/index.php/le/article/view/15195/10035>
- Majid, U., & Ennis, J. (2020). "Continuing the Connection" or "Carrying On"? A Qualitative Evidence Synthesis of How Widows Explain the Physical Health Outcomes After Spousal Loss. *The Family Journal*, 20(10), 1–8. <https://doi.org/10.1177/1066480720973417>
- Maniacek, M. A. (1982). Logotherapy: A grief counseling process. *International Forum for Logotherapy*, 5(2), 85–91.
- Michael Spaten, O., Nørremark Byrialsen, M., & Langridge, D. (2011). Men's Grief, Meaning and Growth: A Phenomenological Investigation into the Experience of Loss. *Indo-Pacific Journal of Phenomenology*, 11(2), 1–15. <https://doi.org/10.2989/IPJP.2011.11.2.4.1163>
- Michel, L. H. F., & Freitas, J. de L. (2019). A clínica do luto e seus critérios diagnósticos: possíveis contribuições de Tatossian. *Psicologia USP*, 30(e180185). <https://doi.org/10.1590/0103-6564e180185>
- Nascimento, R. B. T., & Dias, T. L. (2019). Teste propósito de vida: propriedades psicométricas e evidências de validade. *Revista Avaliação Psicológica*, 18(02), 176–182. <https://doi.org/10.15689/ap.2019.1802.15459.08>
- Page, M. J., McKenzie, J. E., Bossuyt, P. M., Boutron, I., Hofmann, T. C., Mulrow, C. D., Shamseer, L., Tetzlaff, J. M., Akl, E. A., Brennan, S. E., Chou, R., Glanville, J., Grimshaw, J. M., Hróbjartsson, A., Lalu, M. M., Li, T., Loder, E. W., Mayo-Wilson, E., McDonald, S., ... Moher, D. (2021). The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. *BMJ*, 372(71). <https://doi.org/10.1136/bmj.n71>
- Pan, H., & Hu, R. (2021). Grief Experience Patterns Among Older Adults in Rural China: A Latent Profile Analysis. *OMEGA - Journal of Death and Dying*, 83(4), 898–913. <https://doi.org/10.1177/0030222819870408>
- Parkes, C. M. (2009). *Amor e perda: as raízes do luto e suas complicações* (M. H. P. Franco Trad.). Summus.
- Peters, M. D., Godfrey, C., McInerney, P., Munn, Z., Tricco, A. C., & Khalil, H. (2020). Scoping reviews. In E. Aromataris & Z. Munn (Eds.), *JBI Manual for Evidence Synthesis*. JBI. <https://doi.org/10.46658/JBIMES-20-01>
- Pfost, K. S., Stevens, M. J., & Wessels, A. B. (1989). Relationship of purpose in life to grief experiences in response to the death of a significant other. *Death Studies*, 13(4), 371–378. <https://doi.org/10.1080/07481188908252315>
- Polita, N. B., de Montigny, F., Neris, R. R., Alvarenga, W. de A., Silva-Rodrigues, F. M., Leite, A. C. A. B., & Nascimento, L. C. (2020). The Experiences of Bereaved Parents After the Loss of a Child to Cancer: A Qualitative Metasynthesis. *Journal of Pediatric Oncology Nursing*, 37(6), 444–457. <https://doi.org/10.1177/1043454220944059>
- Rogers, C. H., Floyd, F. J., Seltzer, M. M., Greenberg, J., & Hong, J. (2008). Long-term effects of the death of a child on parents' adjustment in midlife. *Journal of Family Psychology*, 22(2), 203–211. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.22.2.203>
- Rogina, J. M., & Quilitch, H. R. (2010). Logotherapy treatment of complicated grief syndrome. *International Forum for Logotherapy*, 33(1), 30–41.
- Sawyer, J. S., & Brewster, M. E. (2019). Assessing posttraumatic growth, complicated grief, and psychological distress in bereaved atheists and believers. *Death Studies*, 43(4), 224–234. <https://doi.org/10.1080/07481187.2018.1446061>
- Scharer, J. L., & Hibberd, R. (2020). Meaning differentiates depression and grief among suicide survivors. *Death Studies*, 44(8), 469–477. <https://doi.org/10.1080/07481187.2019.1586791>
- Smith, P. C., Range, L. M., & Ulmer, A. (1992). Belief in Afterlife as a Buffer in Suicidal and other Bereavement. *OMEGA - Journal of Death and Dying*, 24(3), 217–225. <https://doi.org/10.2190/HME4-G1XE-9HXL-TJ96>
- Sommerhalder, C. (2010). Sentido de vida na fase adulta e velhice. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(2), 270–277. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722010000200009>
- Steger, M. F. (2013). Wrestling with our better selves: The search for meaning in life. In K. D. Markman, T. Proulx, & M. J. Lindberg (Eds.), *The psychology of meaning* (pp. 215–233). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/14040-011>

- Stevens, M. J., Pfost, K. S., & Wessels, A. B. (1987). The Relationship of Purpose in Life to Coping Strategies and Time Since the Death of a Significant Other. *Journal of Counseling & Development*, 65(8), 424–426. <https://doi.org/10.1002/j.1556-6676.1987.tb00747.x>
- Stroebe, M., Boerner, K., & Schut, H. (2020). Encyclopedia of Personality and Individual Differences (V. Zeigler-Hill & T. K. Shackelford (Eds.)). Springer International Publishing.
- Thir, M., & Batthyány, A. (2016). The State of Empirical Research on Logotherapy and Existential Analysis. In Batthyány A. (Ed.), *Logotherapy and Existential Analysis: Proceedings of the Viktor Frankl Institute Vienna* (pp. 53–74). Springer.
- Ulmer, A., Range, L. M., & Smith, P. C. (1991). Purpose in Life: A Moderator of Recovery from Bereavement. *OMEGA - Journal of Death and Dying*, 23(4), 279–289. <https://doi.org/10.2190/33VU-BANW-C54V-W7VF>
- Vos, J. (2016). Working with Meaning in Life in Mental Health Care: A Systematic Literature Review of the Practices and Effectiveness of Meaning-Centred Therapies. In *Clinical Perspectives on Meaning* (pp. 59–87). Springer International Publishing.
- Vos, J., & Vitali, D. (2018). The effects of psychological meaning-centered therapies on quality of life and psychological stress: A metaanalysis. *Palliative and Supportive Care*, 16(5), 608–632. <https://doi.org/10.1017/S1478951517000931>
- Wang, N., & Hu, Q. (2021). "It is not simply the loss of a child": The challenges facing parents who have lost their only child in post-reproductive age in China. *Death Studies*, 45(3), 209–218. <https://doi.org/10.1080/07481187.2019.1626941>
- Wheeler, I. (1994). The Role of Meaning and Purpose in Life in Bereaved Parents Associated with a Self-Help Group: Compassionate Friends. *OMEGA - Journal of Death and Dying*, 28(4), 261–270. <https://doi.org/10.2190/T531-78GF-8NQ3-7E7E>
- World Health Organization. (2019). *ICD-11: International classification of diseases (11th revision)*. <https://icd.who.int/>
- Yasien-Esmael, H., Eshel, Y., & Rubin, S. S. (2018). Bereavement of Israeli Arab Muslim widows: Determinants of adjustment and supporting attributes. *Death Studies*, 42(1), 52–62. <https://doi.org/10.1080/07481187.2017.1326542>
- Yasien-Esmael, H., Rubin, S. S., & Eshel, Y. (2020). Widowhood in the Israeli Arab Muslim Society. *OMEGA - Journal of Death and Dying*, 80(3), 420–439. <https://doi.org/10.1177/0030222817737229>

Data de submissão: 01/05/2022
Primeira decisão editorial: 27/09/2022
Aceite: 28/02/2023